



A Economia Criativa e a Crise da Indústria Fonográfica na Música Independente em Bauru

Solon Barbosa Veloso Neto¹

Juarez Tadeu de Paula Xavier²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Bauru, SP

RESUMO

Ao longo da década (2002-2012), o Ministério da Cultura brasileiro se propôs a utilizar-se da diversidade cultural do Brasil para o desenvolvimento econômico e diminuição da desigualdade social através da Economia Criativa. O Plano Nacional de Cultura (PNC) de 2010, e a criação da Secretaria de Economia Criativa, em 2011, são reflexos dessa preocupação. As pesquisas do Núcleo de Observação e Estudos em Economia Criativa (Neocriativa) mostram que a cidade de Bauru possui um Território Criativo em que se insere a música independente. O cenário musical independente se desenvolve em espaços como esses, utilizando um território que o arranjo produtivo da Indústria Fonográfica não suporta devido ao novo modelo de negócio empregado: capilarizado, horizontal e colaborativo. A contribuição desta pesquisa passa pela conceituação do território criativo e reflexão sobre políticas editoriais para a economia criativa.

PALAVRAS CHAVE: Cultura; Economia Criativa; Jornalismo Cultural

INTRODUÇÃO

O objetivo do Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa (NeoCriativa) é identificar e mapear os Arranjos Produtivos Locais Intensos de Cultura [APLIc] das cidades criativas território de produção e criação cultural, na cidade de Bauru, no estado de S. Paulo. Neste escopo entra esta pesquisa. No processo são observadas: as formas de criação, produção, distribuição e fruição de bens, serviços e processos culturais, promovidos pelos setores inovadores da cidade e seus agentes criativos, públicos e privados, e a rede de comunicação radical e subalterna, formada por esses subterritórios culturais. A pesquisa nos territórios criativos e a organização georreferenciada dos seus dados [mapeamento dos arranjos produtivos intensos de cultura, identificação das cadeias produtivas culturais, definição da anatomia dos *ateliês* criativos, identificação dos recursos materiais e imateriais para a fruição de cultura, perfil dos públicos criativos que formam as conexões dessas cadeias] desenham chassis informados, que possibilitam a elaboração de políticas

¹Aluno do curso de Comunicação Social (Jornalismo). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), 4ºano. Email: solonneto3@gmail.com

²Orientador do Trabalho: Professor Doutor e Docente do Departamento de Comunicação Social (DCSO). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Email: jxavier@faac.unesp.br.



públicas inclusivas e reversivas, no campo da cultura. Para atingir essas metas, são necessários estudos sobre a esfera pública radical, a identidade cultural dos *ateliês* e a mensuração de seus processos, a partir das teorias críticas, que articulam as áreas de cultura, economia e tecnologia, as quais o NeoCriativa se filia, com foco nos arranjos subalternos e nas redes de comunicação das cidades com potencial criativo.

OBJETIVOS

Mapear os arranjos produtivos que formam os subterritórios e os territórios criativos da economia criativa, contribuindo com a elaboração de políticas públicas que favoreçam a gestão dos processos, pessoas e recursos criativos, para a geração de renda e trabalho, o que deverá ser posto à disposição dos agentes criativos dessas manifestações.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Pesquisa qualitativa e quantitativa através de entrevistas no território criativo de Bauru e documentos que mostram movimentos da esfera do governo [federal, estadual e [municipal], servindo como ferramentas para a análise do território criativo. Além da consulta aos documentos, há o esforço para o mapeamento georreferenciado do território, com o qual pode confrontar a análise com a realidade.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO/EXPERIÊNCIA

A pesquisa de Iniciação Científica que deu base a este relato foi financiada pela FAPESP, e se desenvolveu entre 2013 e 2014, com duração de um ano e seis meses. Como parte integrante da pesquisa do NeoCriativa, ela observou a existência de um extenso território criativo na cidade de Bauru, concentrando-se no universo da música, delimitado entre o Rock, o Funk, o Samba e o Hip Hop. A partir da observação inicial, a pesquisa conceituou o Território Criativo, o Subterritório criativo, o Microterritório Criativo e o Nanoterritório criativo. Intangíveis, os conceitos servem para o desenvolvimento de políticas públicas, uma vez que podem ser utilizados para determinar arranjos produtivos de cultura. A pesquisa focou no desenvolvimento dos arranjos da música, podendo utilizar o mesmo conceito para outras áreas da cultura, como a dança e produções audiovisuais. A coleta de dados se deu através da utilização de técnicas jornalísticas de entrevista, que confirmaram a existência do território criativo e de suas características, principalmente a da viabilidade de criação de renda, trabalho e emprego através de atividades criativas. Em parte graças a essa observação, o Núcleo pôde ocupar espaços de discussão nos conselhos do município, como o Conselho Municipal da Cidade e o Conselho Municipal de Bauru. Também há proximidade com os pontos de cultura e arranjos produtivos locais intensos de cultura, APLIC's. No âmbito acadêmico é importante observar a presença em diversos eventos acadêmicos, destacando o II Congresso Mundial de Comunicação IberoAmericana, o CONFIBERCOM, realizado na Espanha em 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já em vários lugares do mundo, o conceito de economia criativa brasileiro se funda na preservação da diversidade. Sob a perspectiva dos segmentos subalternos, ele se coloca em oposição às condições materiais e imateriais geradas pela globalização perversa, preserva e reivindica a



diversidade. A área concentrada – ocupada por tecnologias analógicas e digitais, públicas e privadas, individuais e coletivas – propicia o acesso dos segmentos subalternos, pela primeira vez, às ferramentas digitais imprescindíveis para a criação, elaboração, difusão e fruição de produtos, serviços e processos culturais. Essa ecologia digital estimula os avanços na comunicação, com a internet, e na tecnologia digital, com os smartphones e tablets, e se mostra como uma possibilidade de produção a ponto de competir com as mídias tradicionais, pelo acesso à esfera pública global, ou segmentada e radical.

Para compreender o território criativo, o NeoCriativa estuda documentos que mostram movimentos da esfera do governo [federal, estadual e municipal], e desenvolve conceitos para a análise do território criativo. Evidencia-se a força das políticas públicas, adotadas a partir dos anos 2000, como fator decisivo da formação infraestrutural da economia criativa, nas dimensões de gestão de processos, gestão de pessoas e gestão de recursos. Sob essa perspectiva, são fundamentais para as motivações e amadurecimento das ideias estudadas – via iniciações científicas, trabalhos de conclusão de curso, exposições em eventos da universidade – a participação e observação direta dos fenômenos culturais. É o tipo de pesquisa que não se faz em “gabinete”. Em Bauru um dos projetos do NeoCriativa é a parceria com a escola de samba GRCES, Escola de Samba Coroa Imperial da Grande Cidade. Bauru se destaca no Carnaval pela presença de um sambódromo construído antes do polo cultural na região do Anhembi, na capital do estado. No território criativo de Bauru, as escolas de samba se inserem no microterritório do Samba. Este é uma expressão consagrada da cultura negra, e essas escolas são espaços onde a cultura preserva, amarra, mantém e desenvolve a identidade de um povo. O território do samba é um território ligado diretamente às culturas marginalizadas e segregadas ao longo da história, no país. O território do samba é composto por milhares de bauruenses, que organizados em cada arranjo, criam uma cadeia produtiva do samba, geram conexões e difusão de ideias, com a movimentação intensa de materiais simbólicos e físicos, como de matériaprima para a confecção das fantasias, instrumentos musicais e carros alegóricos. Essas organizações populares são de suma importância para a compreensão do território criativo e de sua forma de distribuição, que gera renda trabalho e emprego para os cidadãos, além de valorizar e preservar a cultura, o centro da vida social da comunidade. A contestação e contradição que se instala pela simples presença desses arranjos produtivos locais intensos de cultura subalternos remetem ao histórico de exclusão pelo qual a maior parte da população – índios, negros e pardos, em sua maioria – ficou congelado na base da pirâmide social. Uma das características da formação do povo brasileiro é a dominação imposta pelo europeu branco, que se deu tanto de forma objetiva quanto subjetiva. Houve nesse processo a eliminação substancial de populações indígenas, posteriormente sua escravização e catequização maciças, e mais tarde o mesmo processo com a população negra, trazida como povo escravizado, de diversas regiões do continente africano. As religiões e culturas desses povos subjugados foram marginalizadas pela criação de uma colônia produtiva, mas excludente. Esse mundo simbólico se preservou como pôde, em reservas indígenas, quilombos, terreiros de candomblé e umbanda, que se tornaram espaços que sofrem com o preconceito, discriminação e racismo, mas reinventam os universos simbólicos e culturais desses povos originais. A cidade de Bauru tem todas as características fundamentais de uma cidade criativa [existência de diversos arranjos produtivos locais intensos de cultura e de cadeias produtivas culturais; redes e conexões entre os diversos APLIC], mas não tem políticas públicas articuladas, com recursos materiais e imateriais para o desenvolvimento do território [macro, micro e nano]. A relevância do projeto desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa



reside no fato de que, para a elaboração dessas políticas públicas, o mapeamento dos APLIc são ferramentas imprescindíveis.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Ensaio sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CUCHÉ, Denys. A noção de cultura nas Ciências Sociais
- DAMATTA, Roberto. O que faz do Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: ROCCO, 1986.
- FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pósmodernidade. 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HOWKINS, John. The Creative economy: How people make money from ideas. 1ª Ed. Londres: Penguin Books, 2001.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Indicador de Desenvolvimento da Economia Criativa. 1ed. Brasília: IPEA, 2010
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça. 4ed. Brasília: IPEA 2011
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa em Comunicação. 8ª Ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. Plano da Secretaria da Economia Criativa. 1 ed. Brasília: Minc, 2011.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. Plano Nacional de Cultura
- REIS, Ana Carla Fonseca. ECONOMIA CRIATIVA como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. 1ª Ed. São Paulo:/Itaú Cultural, 2008.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SADER, Emir. Comentaristas. In.: Pósneoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 1 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SECRETARIA DA ECONOMIA CRIATIVA. Observatório Brasileiro da Economia Criativa. Brasília: Ministério da Cultura. Acesso em 01/12/2012 às 21:40. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/economiacriativa/>>
- UNCTAD; PNUD. Creative Economy Report 2010. Geneva. 2010. Acesso em 15/12/13 às 16:30. Disponível em: <http://unctad.org/es/Docs/ditctab20103_en.pdf>
- UNESCO, Relatório Mundial da UNESCO: Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. 2012. Acesso em 23/12/12 às 20:30. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755POR.pdf>>
- XAVIER, J. T. P. Desterritorialização e novos cenários para a cultura, 2012. Acesso em 23/12/12 às 15:45. Disponível em: <<http://jornalirismo.com.br/jornalismo/14/1609desterritorializacaoenovoscenariosparaacultura>>